

**“JOSÉ DE ALENCAR E ALEXANDRE HERCULANO:  
A FUNDAÇÃO E O RESGATE DE IDENTIDADES NACIONAIS”**

Michele Dull Sampaio Beraldo Matter  
UFRJ

*Escritor é aquele que escreve? Não: escritor é aquele que faz com palavras. E a palavra é de ordem, é uma ordem, é um dos caminhos da construção.*

Maria Alzira Seixo<sup>1</sup>

Neste congresso que reúne amantes da literatura universal, são oportunas essas palavras, sobretudo quando nos propomos a falar de dois grandes escritores que, sem dúvida, fizeram muito com palavras, tornando seu verbo um instrumento de formação, consolidação e restauração de identidades nacionais. Objetivamos aproximar dois importantes autores do Romantismo, um brasileiro e outro português, quanto ao seu projeto de valorização da pátria através da literatura, escritores esses que, tentaram, por um lado, fundar e, por outro, restaurar, a imagem da *casa nacional*, a brasileira em formação e a *pequena casa portuguesa* em tempo de (re)descoberta de si mesma.

No primeiro, José de Alencar, procuraremos ler o desejo de fundação de uma nacionalidade brasileira, expresso, principalmente, na prática de uma fotografia nacional e de um relevo dos elementos étnicos formadores dessa sociedade. Quanto ao segundo, Alexandre Herculano, analisaremos a proposta de revigoração do tempo presente em crise, através de um resgate dos valores nacionais pelas figuras heróicas do passado.

Na época em que José de Alencar e Alexandre Herculano procuraram *fazer com palavras*, tanto o Brasil quanto Portugal viviam uma atmosfera política e econômica conturbada. Por um lado, a principal ex-colônia portuguesa tentava consolidar-se como nação, logo após a conquista

---

<sup>1</sup> SEIXO, Maria Alzira. *Discursos do Texto*. Livraria Bertrand. S/d. p. 28.

de sua Independência, e por outro, Portugal vivia uma crise em grande parte gerada pela perda da colônia brasileira, e agravada pelas lutas internas entre os partidos conservador e liberal. As relações luso-brasileiras nesse momento não poderiam estar mais intimamente dependentes.

A literatura produzida aí revela também uma forte ligação quanto ao seu projeto de busca e revelação do caráter nacional. O contexto histórico pelo qual passavam ambas as nações não poderia ser mais propício a manifestação dos ideais românticos da arte, conceitos esses alimentados por fatores que modificaram a visão do homem no mundo, como a ascensão da burguesia e seu clímax na Revolução Francesa, vitória máxima dos valores individuais. O idealismo, o nacionalismo, a redescoberta do passado nacional, o culto à natureza, o saudosismo e a liberdade criadora, ideais da arte no Romantismo, encontraram terreno fértil tanto no Brasil quanto em Portugal, devido ao momento histórico pelo qual essas nações passavam.

A valorização do nacional proposta pela arte romântica encontrou uma atmosfera bastante propícia no Brasil, país recentemente tornado independente, e em processo de fundação de suas bases culturais. Segundo o crítico Antônio Cândido<sup>2</sup>, a Independência importou de maneira decisiva no desenvolvimento da idéia romântica, contribuindo com, pelo menos, três fatores: o desejo de exprimir um orgulho patriótico; o desejo de criar uma literatura independente, diversa, que partisse de modelos novos, nem clássicos, nem portugueses; e o desejo de realização de uma atividade intelectual como tarefa patriótica na construção nacional. A literatura nova no Brasil deveria corresponder no plano cultural ao que fora a Independência no plano político e social, e o escritor romântico imbuía-se da missão de praticar uma literatura nacional que além de sincronizar a nossa literatura com o ritmo da arte européia, expressasse a realidade própria da nossa nação.

---

<sup>2</sup> CÂNDIDO, Antônio. *Formação da Literatura Brasileira* (Momentos decisivos). VII. São Paulo: Martins

Podemos dizer que o Romantismo representou o verdadeiro surgir da nacionalidade brasileira, pois foi a partir dele que o Brasil passou a existir cultural e politicamente. Anterior a ele, o Arcadismo já contribuía para a institucionalização da arte, na medida em que substituíra a manifestação isolada de obras literárias por um sistema literário em que se relacionavam autor, obra literária e leitor, conforme apontado por Antônio Cândido<sup>3</sup>. Porém, foi com o Romantismo que esse sistema literário se consolidou, a partir da existência de um público efetivo, influenciado pela leitura folhetinesca. Uma vez a atividade literária estabelecida, os artistas procuraram sincronizar nossa arte com os modelos europeus vigentes, não sem imprimir à ela uma cor local.

De maneira geral, o historicismo permeou a literatura romântica européia porque se acreditava na noção de que a História era o combustível para o progresso. O presente vivido por uma nação seria o produto dos séculos passados, e o futuro estaria condicionado ao presente realizado. Antônio Cândido afirma, por exemplo, que *para os românticos, tanto os indivíduos quanto os povos são feitos da substância do que aconteceu antes*<sup>4</sup>, o que vem a explicar *a presença do passado na interpretação da conduta e na técnica narrativa*<sup>5</sup>.

A *substância do que aconteceu antes*, no caso brasileiro, garantia um presente e um futuro grandiosos para esse *país novo*, pois era baseada num belo passado valorizado e numa natureza exótica que lhe assegurava grandeza. Aqui, essa relação com o passado manifestou-se através da descoberta do índio e eleição deste como o herói nacional. A forma mais legítima de literatura nacional foi o *indianismo*, pelo qual o específico brasileiro era elevado, e os heróis medievais, comuns no Romantismo europeu, foram substituídos pelos antepassados valorosos do homem brasileiro.

---

Editora, 1959. p. 11

<sup>3</sup> CANDIDO, Antonio. Literatura como sistema. In: *Formação da Literatura Brasileira*. VI. Belo Horizonte: Editora Itatiaia, 1981. pp. 23-5.

<sup>4</sup> ----- Os três Alencares. In: *Formação da Literatura Brasileira. Op. Cit.* 1959. p. 229.

<sup>5</sup> Idem, *ibidem*.

Em seus romances, José de Alencar dá um tratamento ao índio que ainda não tinha sido experimentado pelos escritores brasileiros. Até então, as obras que tratavam do índio não o colocavam numa posição central, e ele era em muitas discriminado. Na triologia de romances de Alencar que envolvem o índio – *O Guarani* (1857), *Iracema* (1865) e *Ubirajara* (1874) – ele passa a ser o protagonista, e é apresentado nas suas origens, a partir de uma visão do mesmo anterior à chegada dos portugueses no Brasil.

Toda tentativa de formação de uma origem deve recorrer ao mito. Dessa forma, a fim de construir um mito de origem da nacionalidade brasileira, Alencar escreve primeiro *O Guarani*, com um arcabouço histórico definido, retratando o índio numa época mais próxima à sua, vivendo no tempo dos primeiros *senhores da terra*. Oito anos depois, apresenta *Iracema*, falando das origens da nação brasileira através de uma linguagem simbólica, e no qual o dado lendário é mais acentuado. Nesses dois romances, os personagens indígenas representam as virtudes da terra brasileira. *Iracema*, por exemplo, simboliza a prodigalidade e generosidade da terra, enquanto *Peri*, seu vigor e pujança, virtudes masculinas da terra. Por último, na sua maturidade criativa, aproximando-se cada vez mais do conhecimento da cultura indígena, Alencar escreve *Ubirajara*, em que o elemento mítico supera completamente o histórico, e o índio é apresentado na sua pureza, antes do contato com o branco. Na *Advertência* que faz ao leitor e nas *Notas do Autor* presentes nesse romance, Alencar não se refreia de criticar os historiadores e cronistas da época, que descreviam os costumes indígenas a partir de uma ótica do colonizador, marginalizando-os, e não com base na idéia exata dos costumes e índole dos selvagens.

Alencar procurou exaltar o índio para mostrar que o homem brasileiro descendeu de antepassados de grande valor, que até mesmo puderam renunciar à sua cultura, em benefício do bem maior, que foi a formação da nacionalidade brasileira. A união metafórica de *Peri* e *Ceci*, ao final de *O Guarani*, simboliza a formação do homem brasileiro, como descendente do que há de

melhor e mais puro nas etnias formadoras de nossa sociedade: o bom índio e o bom branco. Em *Iracema*, a personagem abandona o próprio povo para seguir o inimigo, mas essa suposta traição se explica a partir do sacrifício do elemento autóctone em detrimento do surgimento do verdadeiro homem nacional. José de Alencar pinta a paisagem brasileira como um lugar absoluto de excelência, e apresenta o índio como uma réplica do cavaleiro medieval, com altos atributos e virtudes, inserindo nossa literatura na tradição ocidental. Diante da noção de que a história é o combustível para o progresso no presente, o Brasil poderia se constituir como uma grande pátria uma vez que formado a partir de antepassados tão valorosos.

José de Alencar é considerado por muitos o *patriarca da literatura brasileira*<sup>6</sup>. Sua importância se dá pela obra desenvolvida no sentido de consolidar a autonomia de nossa literatura. O desejo de fundação da *casa brasileira* revela-se também através do seu projeto de construção de uma fotografia nacional. Seu conjunto de romances apresenta não só o perfil dos elementos formadores de nossa nacionalidade, mas também um panorama geral dos vários tipos de homem brasileiro, bem como da organização múltipla de nossa sociedade. Com um espírito totalmente brasileiro, Alencar criou romances que retrataram tanto o interior do Brasil quanto a cidade, e também a selva. O vaqueiro nordestino, o gaúcho, os barões do café, os primeiros colonizadores, os homens e mulheres da corte carioca e o índio, todos estão retratados nessa vasta obra, com o intuito de criar um retrato nacional de imenso valor. Também no campo lingüístico, Alencar promoveu um debate por se libertar dos modelos lingüísticos lusitanos e desenvolver um estilo pessoal da língua brasileira que verdadeiramente a retratasse. Por exemplo, em um momento do romance *Senhora*, ele coloca em discussão a pronúncia da palavra *senhora*, revelando as mudanças do português do Brasil em relação ao português de Portugal, e lembrando que, aos poucos, iria se constituir uma língua nacional:

---

<sup>6</sup> COUTINHO, Afrânio. *Caminhos do pensamento crítico*. V2Rio de Janeiro/ Brasília: Pallas/ INL, 1980. p. 80

- Por que me chama senhóra? Perguntou ela fazendo soar o o com a voz cheia.  
- Defeito de pronúncia!  
- Mas as outras diz senhóra. Tenho notado, ainda esta noite.  
- Esta é, creio eu, a verdadeira pronúncia da palavra; mas nós, os brasileiros, para distinguir da fórmula cortês a relação de império e domínio, usamos da variante que soa mais forte, e com certa vibração metálica. O súdito diz à soberana, como o servo à sua dona, senhóra. Eu talvez não reflita e confunda.<sup>7</sup>

A respeito de José de Alencar, Machado de Assis mencionara:

*Nenhum escritor teve em mais alto grau a alma brasileira. E não é porque houvesse tratado assuntos nossos. Há um modo de ver e de sentir, que dá a nota íntima da nacionalidade, independente da face externa das cousas.*<sup>8</sup>

No prefácio a *Sonhos d'Ouro*, o romancista descreve seu projeto literário como tendo três fases de acordo com as fases históricas pelas quais o Brasil passou: a primitiva (envolve as lendas e mitos da terra selvagem reconquistada, da qual faz parte *Iracema*), o período histórico (representativo do contato entre o povo invasor e a terra americana, da qual fazem parte *O Guarani* e *As Minas de Prata*) e a infância da literatura (que começa com a independência). Alencar menciona que a partir daí o Brasil passou a conviver com a invasão cultural estrangeira, da qual são reflexos *Lucíola*, *Diva*, *A Pata da Gazela* e *Sonhos d'Ouro*. Também podemos incluir aqui o romance mencionado, *Senhora*, pois nele muitas vezes aparece o contato com os valores culturais estrangeiros, bem como outros. Por exemplo, em certo momento o personagem Seixas compara Recife com Veneza, enaltecendo o nacional:

*Não conheço Veneza; mas pelo que sei dela, não posso compreender que se compare um acervo de mármore levantado sobre o lodo das restingas, com as lindas várzeas do Capibaribe, toucadas de seus verdes coqueirais, a cuja sombra a campina e o mar se abraçam carinhosamente.*<sup>9</sup>

---

<sup>7</sup> ALENCAR, José de. *Senhora*. Série Bom Livro. São Paulo: Ática, 1994. p. 178.

<sup>8</sup> ASSIS, Machado. Páginas Recolhidas. In: *Obra Completa*. 2ed. V.II. Rio de Janeiro, J. Aguilar, 1962.

<sup>9</sup> ALENCAR, *Op Cit* 1994, p. 61.

Esse projeto de uma escrita abrangente de todos os aspectos da sociedade brasileira, demonstra o desejo de fundação de uma nacionalidade, pela *pena* de um escritor amante de sua terra.

A preocupação de Alexandre Herculano em Portugal é semelhante, porém, uma vez que vivia um tempo em crise, a nacionalidade portuguesa precisava ser repensada. A *autognose pátria* esteve presente na preocupação dos românticos portugueses, como Herculano, Almeida Garrett e também Camilo Castelo Branco, no entanto, em cada um deles de maneira diferente.

Alexandre Herculano recorreu a valorização dos heróis do passado português, pois o passado era visto como um tempo de fundamentação da esperança, um tempo em que o herói e a pátria ainda não estavam em dissolução. A História passou a ser a possibilidade geradora de reflexão, isto é, olhando para trás pode-se aprender a olhar para frente. O resgate dos heróis nacionais visava a demonstrar que o tempo presente não era um destino fatal e inevitável, e poderia ser iluminado pelas lições de experiência da história, as quais revelavam a defesa do nacionalismo acima de tudo.

No seu conto *O Bispo Negro*, apresentado nas *Histórias Heróicas*, Herculano reconstitui a época de formação do estado nacional e exalta a figura do herói Afonso Henriques, fundador da pátria, como símbolo de protesto nacional contra o poder do Império Romano, representado pela força clerical, mostrando que, naquela época em Portugal, nada era mais forte do que o poder real. Numa época de luta entre liberais e conservadores, Herculano investe contra o poder clerical, criticado pelos liberais. Além disso, num momento em que a nação vivia uma crise de autoridade, esse autor recupera um tempo em que o país possuía a soberania de um líder tão poderoso que era obedecido até mesmo pelo papado. Virtudes como o caráter, a honra e a fidelidade do herói são enfocados. O saudosismo de um tempo em que os homens portugueses

eram nacionalistas e patriotas está também presente, quando o herói lembra, por exemplo, os homens valorosos que conquistaram a terra portuguesa *aos mouros por preço de tanto sangue*<sup>10</sup>.

Em outro conto, *A Abóbada*, o tempo recuperado é o da Dinastia de Avis, quando Dom João I manda que se construa o Mosteiro da Batalha, como *monumento da glória* dos portugueses que lutaram contra os castelhanos em Aljubarrota. O herói resgatado não é apenas o Mestre de Avis, mas Afonso Domingues, o arquiteto que concebe o projeto do mosteiro. Afonso Domingues defendera *o amor da Pátria não movido de prêmio vil* na Batalha, e agora investia contra a decisão do rei de que a obra final do mosteiro fosse dirigida por um estrangeiro:

*Não é esse edifício obra de reis, ainda que por um rei me fosse encomendado seu desenho e edificação; mas nacional, mas popular, mas da gente portuguesa, que disse: não seremos servos do estrangeiro e que provou seu dito. Mestre Ouguet, (...) trabalhou nas sés de Inglaterra, de França e de Alemanha, e aí subiu ao grau de mestre; mas a sua alma não é aquecida à luz do amor da Pátria; nem que o fosse, é para ele pátria esta terra portuguesa. Por engenhos e mãos de portugueses deve ser concebido e executado, até seu final remate, o monumento da glória dos nossos...*<sup>11</sup>

Ao final do conto, vemos que a abóbada do mosteiro, cuja construção foi dirigida pelo estrangeiro cai, e a que é depois erguida pelo homem português permanece fixa, o que vem a demonstrar, metaforicamente a vitória da arte de inspiração nacional sobre a arte-técnica estrangeira. Nesse ponto coloca-se em discussão também os valores da arte romântica e da arte clássica, enaltecendo-se a primeira.

O nacionalismo, a questão da liberdade do herói e a glória da pátria são temas explorados em todo o conto, mas principalmente no capítulo IV, intitulado *Um rei cavaleiro*, em que o herói Afonso Domingues demonstra não ter medo de interpelar o rei, e de recusar seus pedidos de desculpas. Ao final, para convencê-lo, o rei apela para o valor individual do herói, que é a glória

---

<sup>10</sup> HERCULANO, Alexandre. O Bispo Negro. In: *Histórias Heróicas*. Introdução e seleção de Fernando Correia da Silva. S/l: Editora Ediouro, s/d. p. 65.

<sup>11</sup> -----, *A Abóbada*. In: *Op Cit.* p. 135-6.

pessoal, e para o valor coletivo, o nacionalismo, e relembra sua condição de fundador de um novo tempo português. Herculano vai fundamentar nesse momento nacional de grande valor, uma nova constituição da *casa* portuguesa que em seu tempo precisava ser repensada.

Afonso Domingues compara seu trabalho de arquiteto com o trabalho do escritor (*Os milhares de labores que tracei em meu desenho eram milhares de versos...*<sup>12</sup>) e revela que o Mosteiro seria um lugar de fundação também do artista, aquele a quem era legado o papel de eternizar os feitos gloriosos dos heróis nacionais, mas que também, através do seu trabalho, tornava eterno seu próprio nome. A arte é lida, então, como um instrumento capaz de manter viva a memória do passado, e o artista com o papel de eternizar tanto àqueles a quem procurava valorizar, quanto a si próprio. Assim é também o trabalho do escritor, Alexandre Herculano, que ao tornar viva a memória desses heróis e desses valores nacionais, inscreve-se na memória cultural do povo português, como um escritor que procurou resgatar a identidade nacional portuguesa tão abalada em seu tempo.

Sua obra é também um *monumento de pedra, monumento da glória* dos seus, assim como da mesma forma foi a obra de José de Alencar, escritor que também investiu, através da sua arte, na construção de um *monumento nacional*, de uma *casa* brasileira fundada a partir de antepassados de grande valor. Procuramos aqui - através, mais uma vez, de palavras - tornar viva novamente a memória desses importantes autores que ousaram, qual Inês camoniana, sustentar no peito ilustre a escrita das suas nacionalidades.

## **Bibliografia**

ALENCAR, José de. *Iracema*. 29ed. Série Bom Livro. São Paulo: Ática, 1995.

---

<sup>12</sup> Idem, *ibidem*, p. 135.

- . *O Guarani*. 18ed. Série Bom Livro. São Paulo: Ática, 1994.
- . *Senhora*. 25ed. Série Bom Livro. São Paulo: Ática, 1994.
- . *Sonhos d'Ouro*. 2ed. Série Bom Livro. São Paulo: Ática, 1998.
- . *Ubirajara*. 13ed. Série Bom Livro. São Paulo: Ática, 1997.
- ASSIS, Machado. Páginas Recolhidas. In: *Obra Completa*. 2ed. V.II. Rio de Janeiro, J. Aguilar, 1962.
- CÂNDIDO, Antônio. Literatura como sistema. In: *Formação da Literatura Brasileira*. VI. Belo Horizonte: Editora Itatiaia, 1981. pp. 23-5.
- . *Formação da Literatura Brasileira* (Momentos decisivos). VII. São Paulo: Martins Editora, 1959. p. 11
- COUTINHO, Afrânio. *Caminhos do pensamento crítico*. V2Rio de Janeiro/ Brasília: Pallas/ INL,1980. p. 80
- HERCULANO, Alexandre. O Bispo Negro & A Abóbada. In: *Histórias Heróicas*. Introdução e seleção de Fernando Correia da Silva. S/l: Editora Ediouro, s/d.
- RIBEIRO, Luis Felipe. Alencar, Alencares... In: *Mulheres de Papel: um estudo do imaginário em José de Alencar e Machado de Assis*. Niterói: EDUFF, 1996.
- SARAIVA, Antônio José. Herculano perante a Regeneração. In: *Herculano desconhecido*. 2ed. Portugal: Publicações Europa-América, 1971. pp. 19-51.
- SEIXO, Maria Alzira. *Discursos do Texto*. Livraria Bertrand. S/d. p. 28.
- SILVA, Teresa Cristina Cerdeira da. Da Batalha a Mafra – Viagem pelas casas fundadoras da nacionalidade portuguesa. In: SILVEIRA, Jorge Fernandes da. *Escrever a casa portuguesa*. S/l. s/d.